

ATLAS DA PESCA ARTESANAL NO RIO DE JANEIRO: CONTEXTOS e GEOGRAFIAS DAS EXISTÊNCIAS

CATIA ANTONIA DA SILVA



ATLAS DA PESCA ARTESANAL NO RIO DE JANEIRO CONTEXTOS e GEOGRAFIAS DAS EXISTÊNCIAS

CATIA ANTONIA DA SILVA

EDITORA



São Gonçalo - 2018



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Rui Marques
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Lincoln Tavares
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Ana Maria Santiago

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
NUTEMC- NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO: URBANO, TERRITÓRIO E MUDANÇAS CONTEMPORÂNEAS

© Catia Antonia da Silva

Todos os direitos reservados aos organizadores e a editora FFP-UERJ

Autoria e colaboradores pesquisadores :

Rodrigo Correa Euzêbio, Felipe Andrade Rainha
Co-autoria de Luis de Souza Junior (referente a parte V – mercados)

Organização e revisão Técnica

Luis Henrique Ribeiro
Marcella Barros Ferreira
Karla da Silva Sampaio
Pedro Benicio Almeida Pinto
Luiz Eduardo Lontra Ferreira

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

A881 Atlas da pesca artesanal no Rio de Janeiro : contextos e geografias das existências / Catia Antonia da Silva, organização. – Rio de Janeiro : UERJ/FFP, 2018.
65 p. : il. color ; 21cm x 29,26cm.

ISBN 978-85-5654-013-3

1. Pesca artesanal - Rio de Janeiro (Estado) - Atlas.
I. Silva, Catia Antonia da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores.

CDU 639.2(815.3)(084.4)

Bibliotecária: Leila Andrade CRB7/4016

APOIO



COMISSÃO CIENTÍFICA EDITORIAL

VINICIUS SEABRA (UERJ)

CATHERINE PROST(UFBA)

RAIMUNDO ALBERTO MULHAISSE (UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA – MOÇAMBIQUE)

APRESENTAÇÃO

O presente atlas é fruto do projeto de pesquisa **Modernização, território e cartografia da ação social: Análise da Cadeia produtiva, das condições de trabalho e das formas de luta dos trabalhadores da Pesca Artesanal no Rio de Janeiro coordenado pela Prof^a. Dr^a. Catia Antonia da Silva**, no âmbito do Núcleo de Pesquisa e Extensão: Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas – PPGHS-DGEO-FFP-UERJ. O projeto é financiado pelo CNPQ (edital Universal (2014-2017) e pela FAPERJ entre 2014-2017. a produção dos mapas iniciou em 2011 e finaliza a primeira etapa em 2017. O projeto Economia Política do Território: Análise da Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal na Metrópole do Rio de Janeiro financiados pelo CNPq (Universal (2012-2014) e bolsa produtividade e FAPERJ entre 2014 e 2017). Este trabalho faz parte das atividades de produção de pesquisa com base em dados secundários e dados primários obtidos em dezenas de trabalho de campo feitos no Estado do Rio de Janeiro, com ênfase na área metropolitana, lugar de intensos conflitos territoriais nas áreas de pesca artesanal.

A finalidade desse Atlas é, nesse sentido, apresentar informações de representação cartográfica da pesca artesanal, levando em conta os usos do território, tais como os empreendimentos e as áreas urbana. levando em conta ainda as áreas de proteção ambiental e os complexos logísticos e portuários. A pesca artesanal é uma das atividades mais antiga, nasce com as culturas indígenas, amplia-se com o processo de ocupação colonial, imperial e republicano, quando novas técnicas e novas localidades de pesca vão surgindo. A modernização do território do Rio de Janeiro é posterior as localidades de pesca estudadas, no entanto por ser atividade invisibilidade pelas estatísticas e cartografias hegemônicas, tanto os sujeitos trabalhadores e produtores de culturas tradicionais quanto seus territórios culturais são invisíveis aos olhos da maioria da população urbana e rural fluminense. Há uma certa alienação diante desses trabalhadores e suas localidades. Muitas vezes vemos seus produtos: pescado, camarão, crustáceos mas não são capazes de ver seu trabalho, sua cultura e sua cosmologia.

Desse modo, trazemos ao leitor, com texto pedagógico mapas e imagens fotográficas das localidades de pesca, dos mercados, dos conflitos e dos territórios pesqueiros. Tudo isso que é demonstrado foi autorizado pelos pescadores pesquisados e que lutam para garantir sua vida coletiva, seus lugares de cultura e seu trabalho e renda.

Boa leitura, Catia Antonia da Silva, Rodrigo C. Euzêbio, Felipe A. Rainha e Luis de Souza Junior (organizadores)

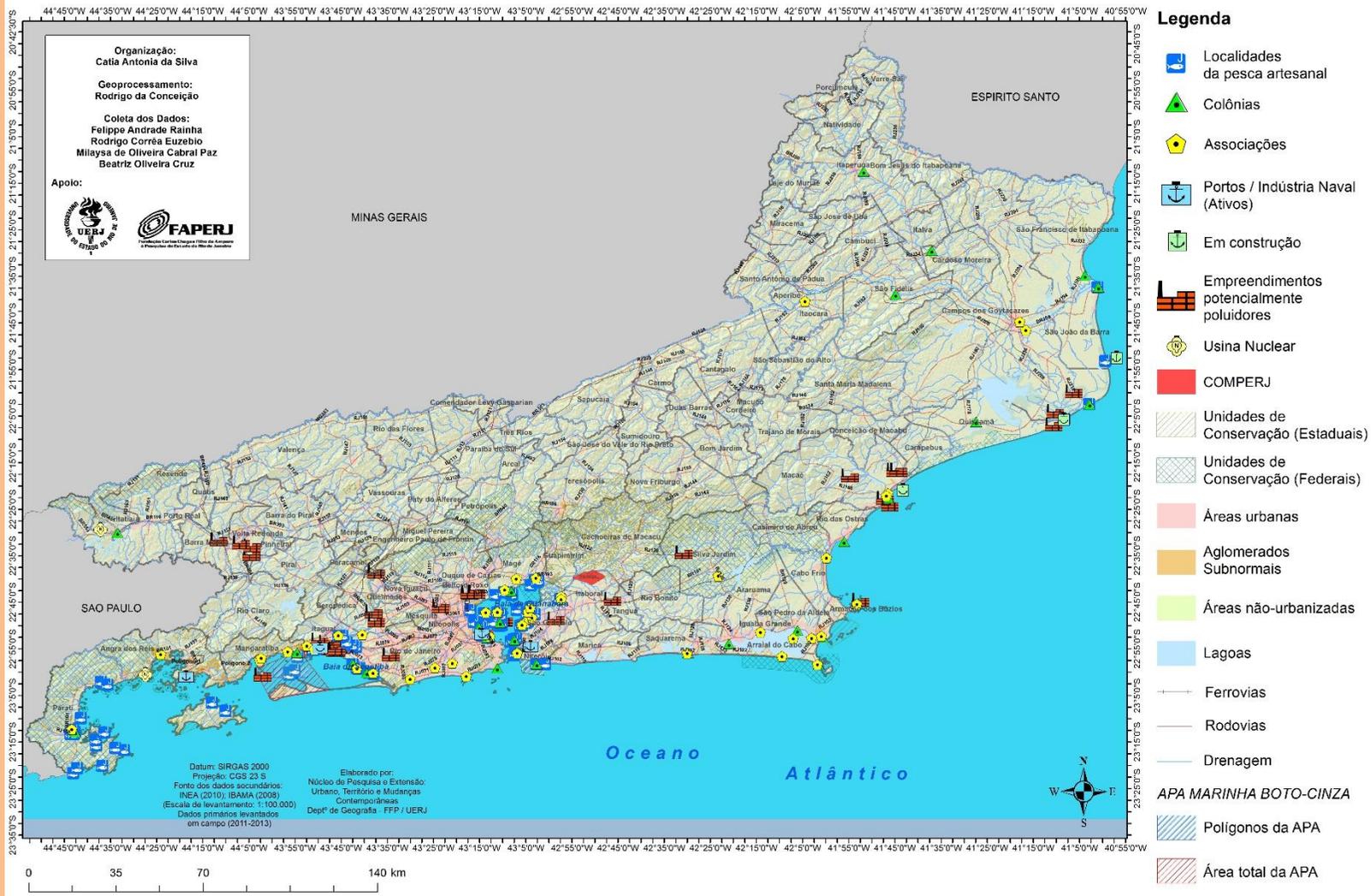
Agradecimentos

Agradecemos à FAPERJ E CNPq que por meio dos projetos de pesquisa **Modernização, território e cartografia da ação social: Análise da Cadeia produtiva, das condições de trabalho e das formas de luta dos trabalhadores da Pesca Artesanal no Rio de Janeiro** e Economia Política do Território: Análise da Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal na Metrópole do Rio de Janeiro e o projeto de extensão: Pescando por meio de redes sociais(FAPERJ e PROEXT/MEC). Esses projetos foram desenvolvidos no âmbito da Núcleo de Pesquisa e extensão: Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas da Faculdade de Formação de Professores do Estado do Rio de Janeiro. Agradecemos aos estudantes Pedro Pinto, Milaysa Paz, Nara, Rhanna Leôncio, Carolina Buch, Beatriz Cruz, Karla Sampaio e Marcela, Luis Eduardo bolsistas de iniciação científica, extensão e estágio interno e docência pela tarefa de levantamento de dados, levantamentos de fotografias, alimentação de banco de dados e de mapeamentos. Desse modo, agradecemos a Universidade do Rio de Janeiro, por meio de recursos de financiamento de bolsas aos graduandos permitiu chegarmos a esse resultado iniciado em 2011.

Metodologia

Levantamento bibliográfico, estudos de referencias sobre vivencias, modos de vida, pesquisa qualitativa. Levantamento de campo com GPS e entrevistas. Organização de base fotográfica em estágios de vivencia e registro fotográfico por Helicóptero, geoprocessamento de dados, vetorização e edição final (ARCGIS 10.1).

A pesca artesanal e a modernização do território: conflitos no Estado do Rio de Janeiro





INTRODUÇÃO

Este Atlas tem origem no projeto de pesquisa intitulado “Modernização, território e cartografia da ação social: Análise da Cadeia produtiva, das condições de trabalho e das formas de luta dos trabalhadores da Pesca Artesanal no Rio de Janeiro”, com apoio do CNPq e FAPERJ, entre 2012 a 2017. É resultado também do projeto de extensão: Pescando por meio de redes Sociais (DEPEXT/UERJ & FAPERJ) – 2011-2017. Foram seis anos de trabalhos de campo, entrevistas, levantamento geoiconográfico, fotografias e voo panorâmico, andanças e contatos com pescadores e comerciantes de pesca.

A finalidade do Atlas é levar o leitor a conhecer esse mundo existencial da pesca por meio das espacialidades (compostos por geografidades e historicidades, ou seja por trajetos dos corpos e pelo ritmo tecidos pelas intencionalidade criadas na cotidianidade do presente experimentadas pelos sujeitos – colocados no mapa e por meio da geoiconografia que se constitui na relação entre corpo, objetos e espaços, no qual a fotografia registra a luz do recorte do fotógrafo. A fotografia, tal como o mapa são produtos espaciais e socio-culturais que constituem em formas de representação.

Como o debate da invisibilidade é muito presente no mundo da pesca, sobretudo em contextos urbanos-metropolitanos, o presente trabalho, busca contribuir para a leitura desse universo social, que se constitui em trabalho, economia e cultura em que o tempo é dado também pela natureza, pela história dos lugares e pelas memórias dos sujeitos sociais que vivem da pesca. Olhando o espaço geográfico a partir da pesca, observa-se as peculiaridades, os petrechos que ora articula o artesanal tradicional com os objetos modernos, ora é a arte da pesca buscando vencer os limites impostos pela natureza e pelos processos sucessivos de modernização.

Está dividido em seis partes: metrópole fluminense, região do Norte Fluminense, Baixadas Litorâneas, Costa Verde, Manifestação cultural e Mercados de Peixes . Precisamos ainda agradecer aos pescadores e pescadoras que participaram das atividades: oficinas, entrevistas, cartografias da ação social, elaboração do mapa etnográficos dos territórios pesqueiros da Baía de Sepetiba. Agradecemos as lideranças de pescadores e ao Fórum em defesa dos Pescadores da Baía de Sepetiba. Agradecimentos específicos precisam serem ditas aos pescadores e lideranças de Isac Alves de Oliveira (APAPG), Sergio Hiroshi (APLIM) e Marambaia.

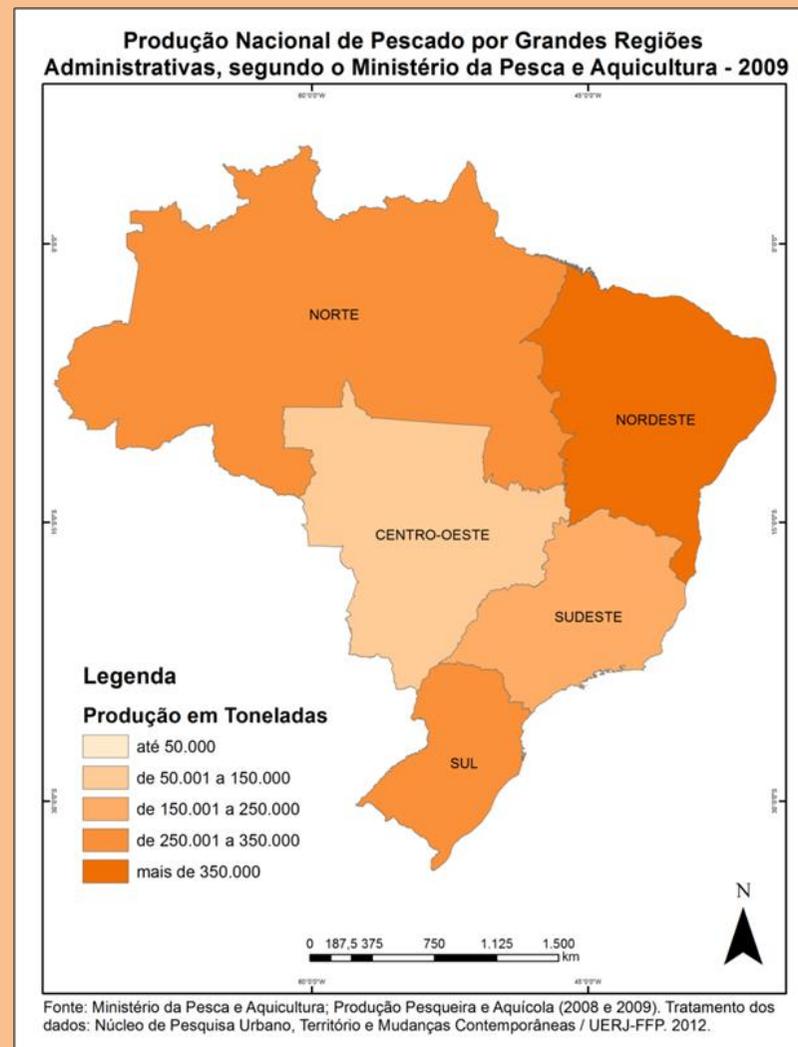


Figura - Mapa corrigido pelo bolsista e que compôs o conjunto de ilustrações que fizeram parte do TCC do mesmo. Fonte: TCC do curso de especialização em Política e Planejamento Urbano - IPPUR/UFRJ; Autor: Felipe Andrade Rainha, Rio de Janeiro; maio de 2013.

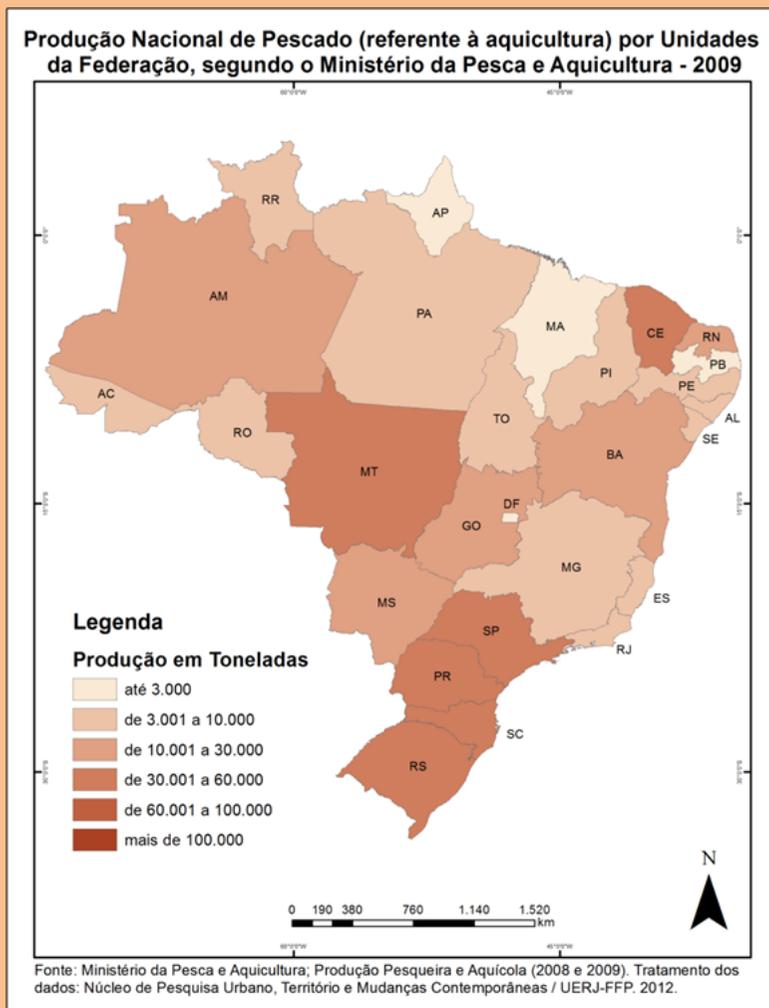


Figura - Mapa corrigido pelo bolsista e que compôs o conjunto de ilustrações que fizeram parte do TCC do mesmo. Fonte: TCC do curso de especialização em Política e Planejamento Urbano - IPPUR/UFRJ; Autor: Felipe Andrade Rainha, Rio de Janeiro; maio de 2013.

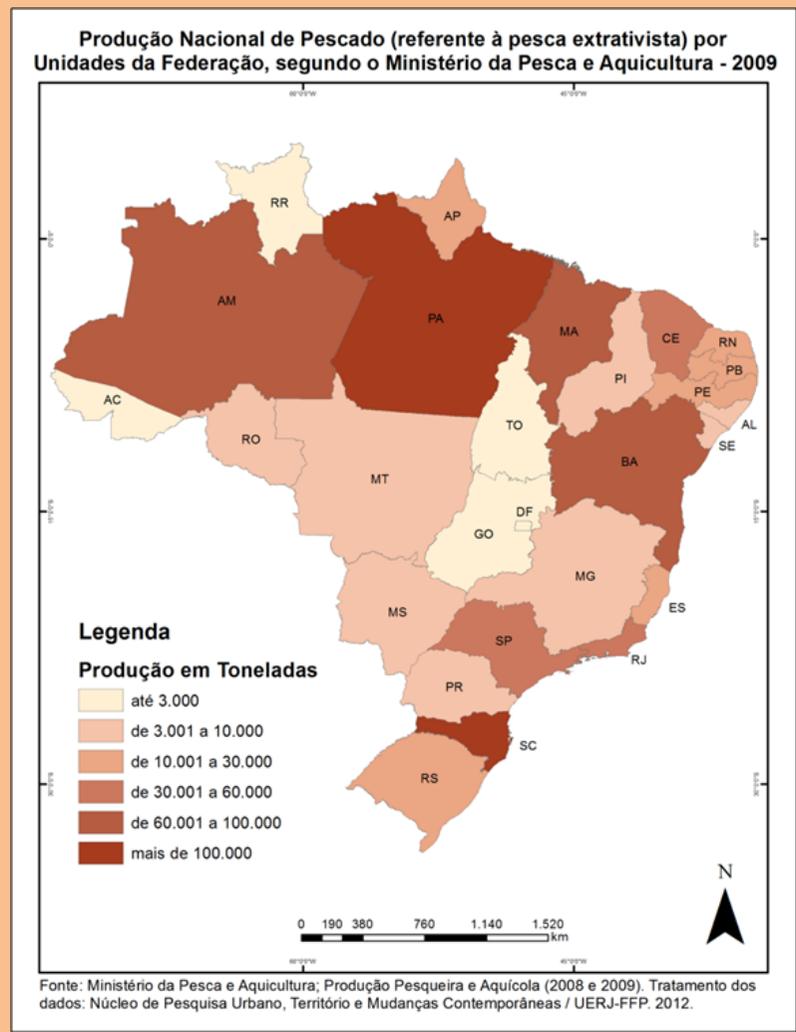
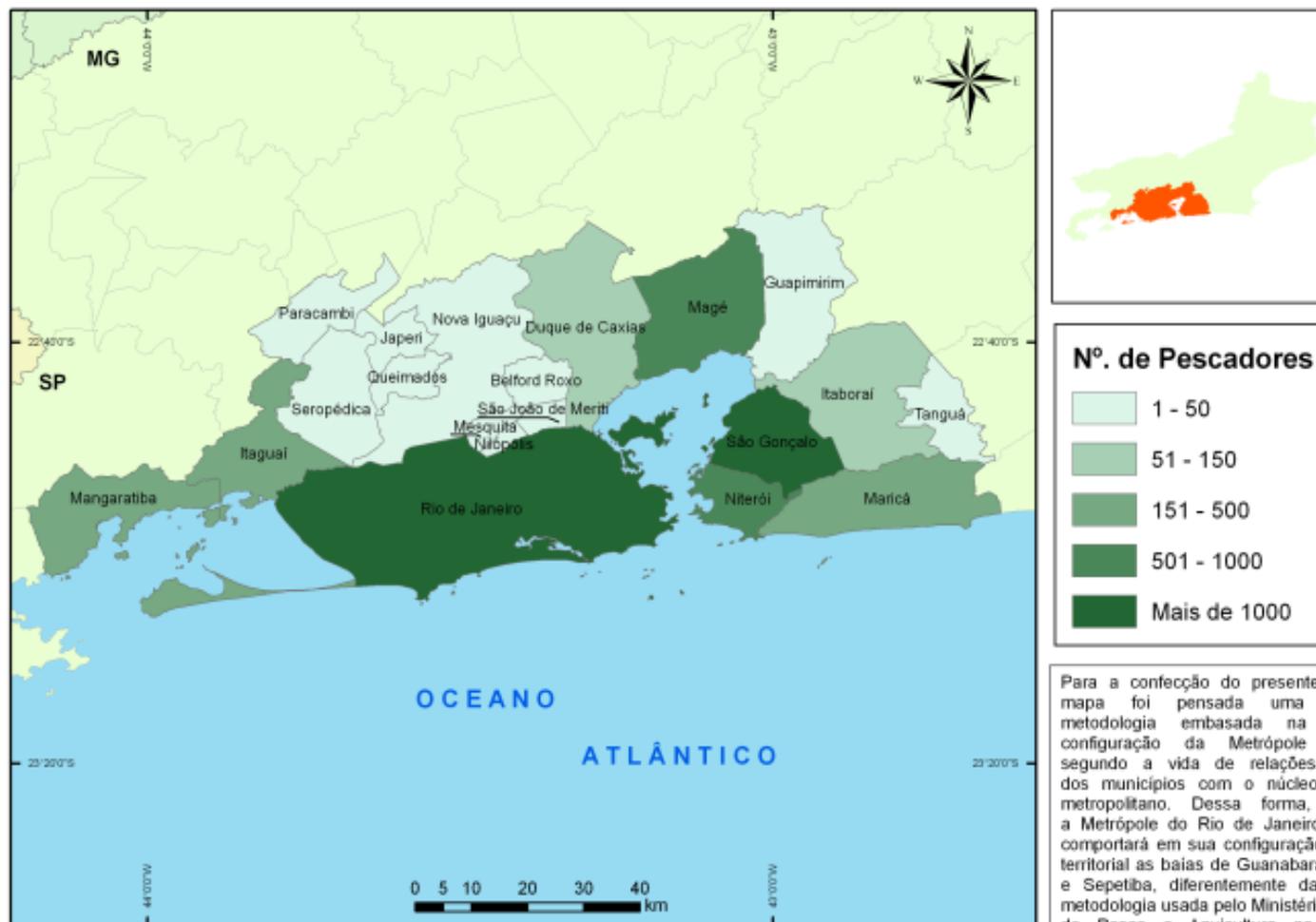


Figura - Mapa corrigido pelo bolsista e que compôs o conjunto de ilustrações que fizeram parte do TCC do mesmo. Fonte: TCC do curso de especialização em Política e Planejamento Urbano - IPPUR/UFRJ; Autor: Felipe Andrade Rainha, Rio de Janeiro; maio de 2013.

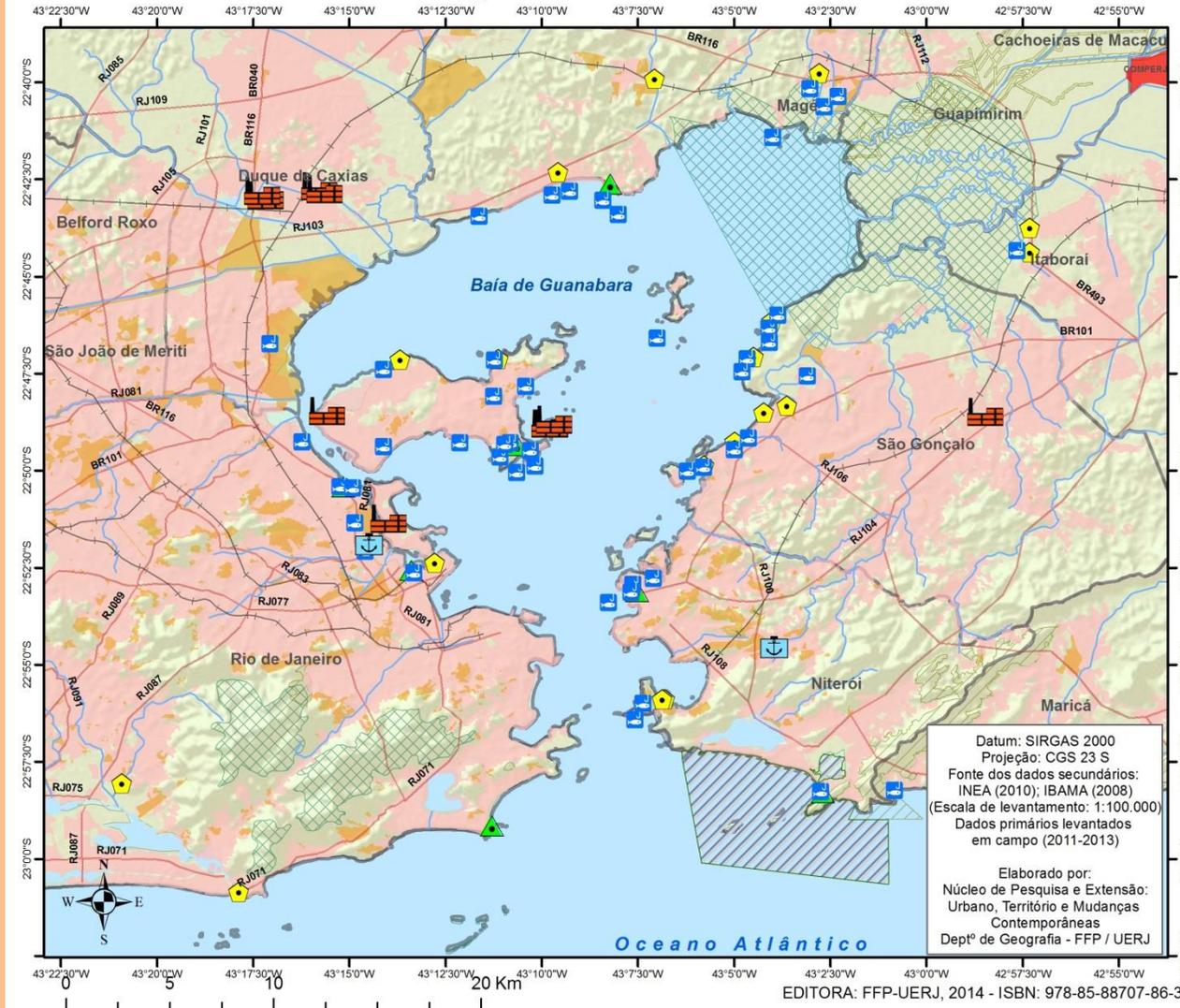
Pesca na metrópole do Rio de Janeiro

Metrópole do Rio de Janeiro segundo o número de pescadores - 2009



Fonte: Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA - 2009); Grupo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas (CNPq); Laboratório de Estudos Metropolitanos, LEME - 2011.

Localidades da pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na Baía de Guanabara e regiões oceânicas do Rio de Janeiro, Niterói e Maricá - RJ



Legenda

- Localidades da pesca artesanal
- Colônias
- Associações
- Portos / Indústria Naval
- Reserva Extrativista Marinha de Itaipu (RESEX Itaipu)
- Unidades de Conservação (Estaduais)
- Unidades de Conservação (Federais)
- Empreendimentos potencialmente poluidores
- COMPERJ
- Ferrovias
- Rodovias
- Áreas urbanas
- Aglomerados Subnormais
- Áreas não-urbanizadas
- Drenagem
- Lagoas
- Limite de municípios
- Oceano

Datum: SIRGAS 2000
 Projeção: CGS 23 S
 Fonte dos dados secundários:
 INEA (2010); IBAMA (2008)
 (Escala de levantamento: 1:100.000)
 Dados primários levantados
 em campo (2011-2013)

Elaborado por:
 Núcleo de Pesquisa e Extensão:
 Urbano, Território e Mudanças
 Contemporâneas
 Deptº de Geografia - FFP / UERJ

Organização:
 Catia Antonia da Silva

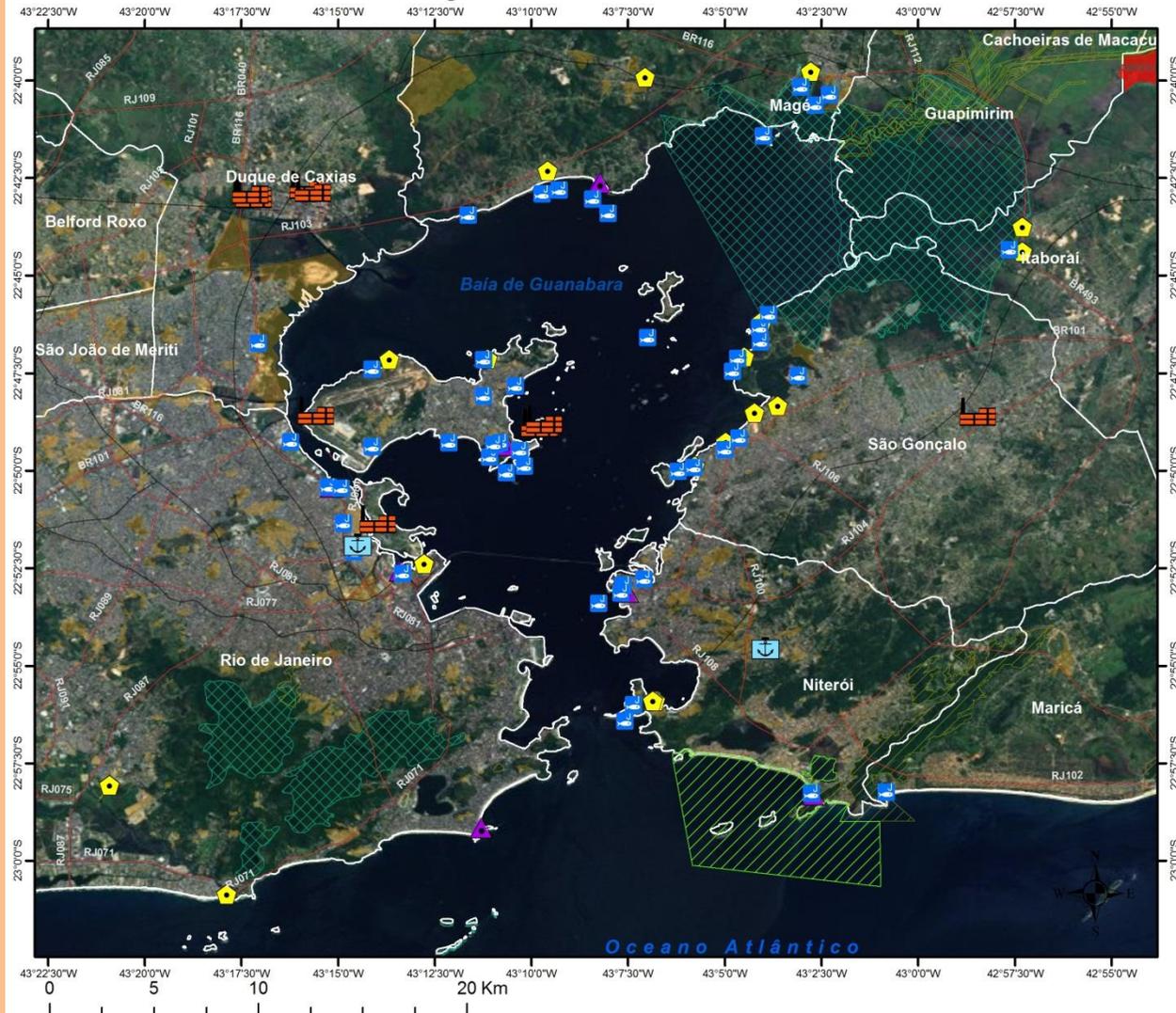
Geoprocessamento:
 Rodrigo da Conceição

Coleta dos Dados:
 Felipe Andrade Rainha
 Rodrigo Corrêa Euzébio
 Milaysa de Oliveira Cabral Paz
 Beatriz Oliveira Cruz

Apoio:

Editora: FFP-UERJ

Localidades da pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na Baía de Guanabara e regiões oceânicas do Rio de Janeiro, Niterói e Maricá - RJ



Legenda

- Localidades da pesca artesanal
- Colônias
- Associações
- Portos / Indústria Naval
- Reserva Extrativista Marinha de Itaipu (RESEX Itaipu)
- Unidades de Conservação (Estaduais)
- Unidades de Conservação (Federais)
- Empreendimentos potencialmente poluidores
- COMPERJ
- Ferrovias
- Rodovias
- Aglomerados Subnormais
- Limite de municípios

Datum: SIRGAS 2000
 Projeção: CGS 23 S
 Fonte dos dados secundários:
 INEA (2010); IBAMA (2008)
 (Escala de levantamento: 1:100.000)
 Dados primários levantados
 em campo (2011-2013)
 Imagem Ikonos - 2011 (ArcGIS online)

Elaborado por:
 Núcleo de Pesquisa e Extensão:
 Urbano, Território e Mudanças
 Contemporâneas
 Deptº de Geografia - FFP / UERJ



Pescaria de canoa perto da Ponte Rio-Niteroi.
Baía de Guanabara. Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ.
2010.



Canal de Magé – fundo da Baía de Guanabara.
Pescadores saindo para pescaria em meio os manguezais. Fonte: NUTEMC-FFP-UEJR, 2007

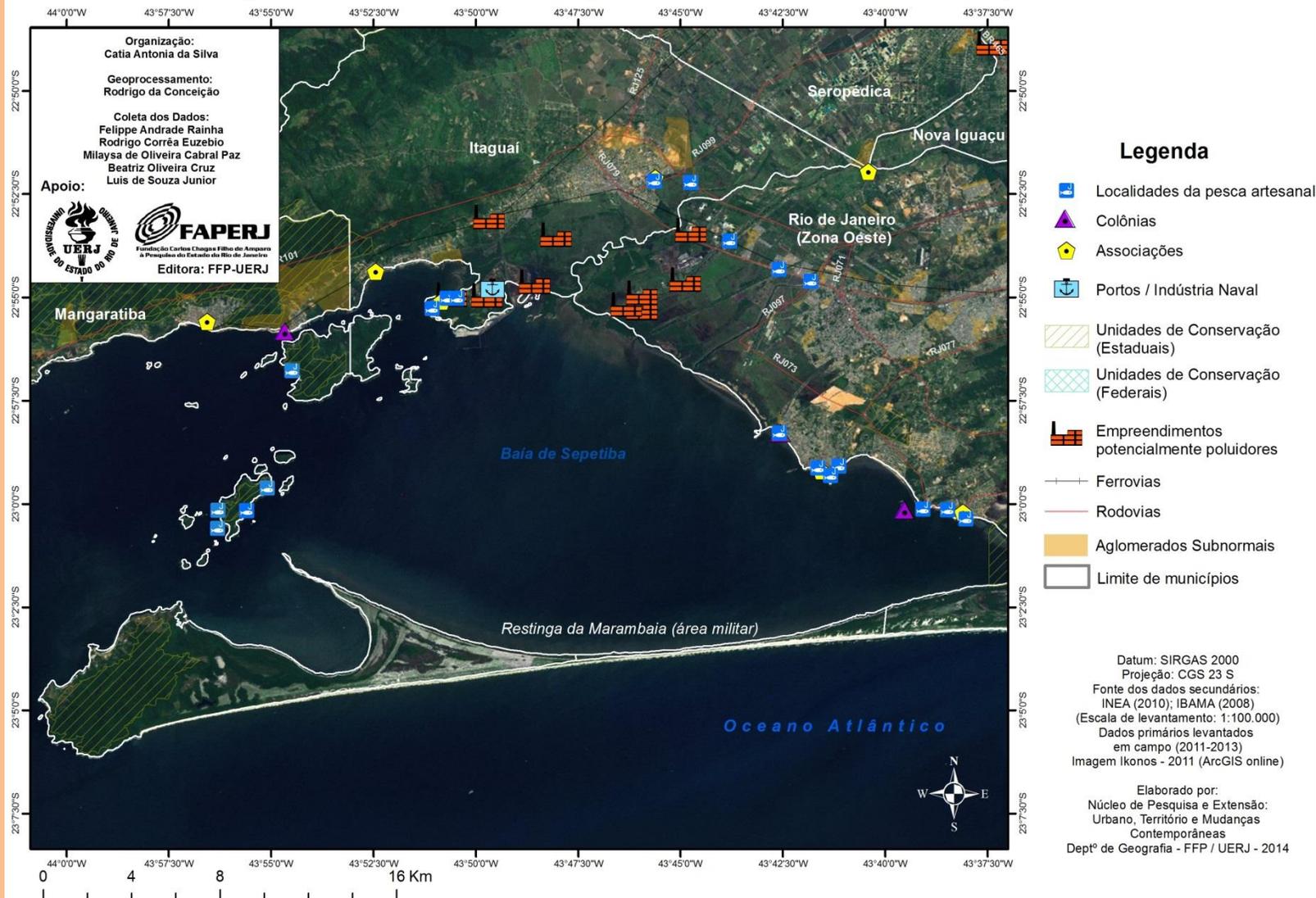


Canal de Magé – fundo da Baía de Guanabara. Pescadores voltando da pescaria. Fonte: NUTEMC-FFP-UEJR, 2007



Praia conhecida como Esso – bairro porto velho – São Gonçalo – Baía de Guanabara – Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ, 2010.

Localidades da pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na Baía de Sepetiba - RJ



BAÍA DE SEPETIBA/RJ: EMPREENDIMENTOS QUE IMPACTAM NA PESCA ARTESANAL - 2013

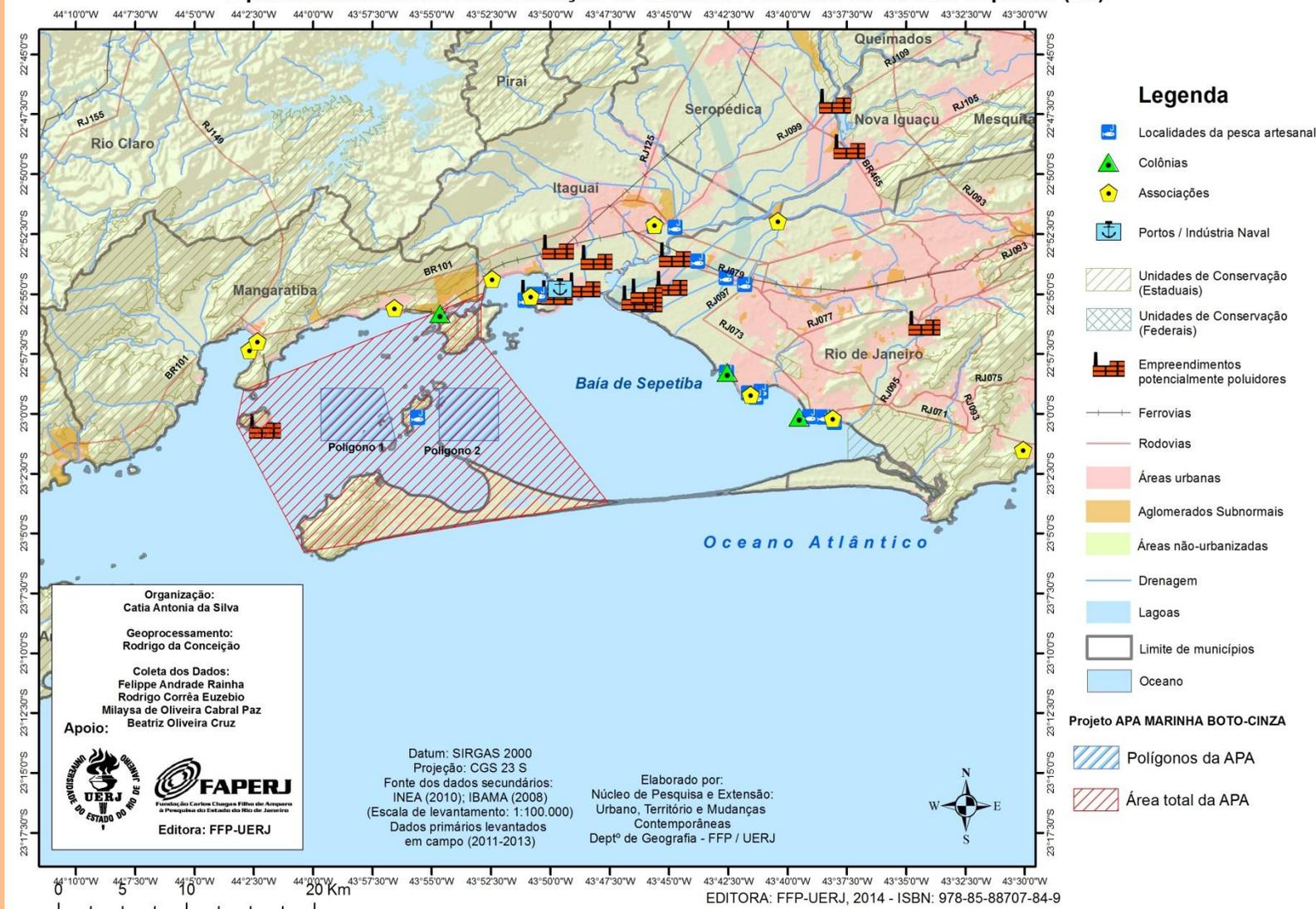


FONTE DE DADOS: NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO URBANO, TERRITÓRIO E MUDANÇAS CONTEMPORÂNEAS / FFP / UERJ



Fotografia Panorâmica da Ponta Grossa, Pedra de Guaratiba. Rio de Janeiro. RJ. Fonte: NUTEMC-FFP-UEJR, 2017

A pesca artesanal e a modernização do território: conflitos na Baía de Sepetiba (RJ)





Fotografia Panorâmica da
Ilha da Madeira – Itaguaí.
Rio de Janeiro. RJ. Fonte:
NUTEMC-FFP-UEJR, 2017

Ilha da madeira -

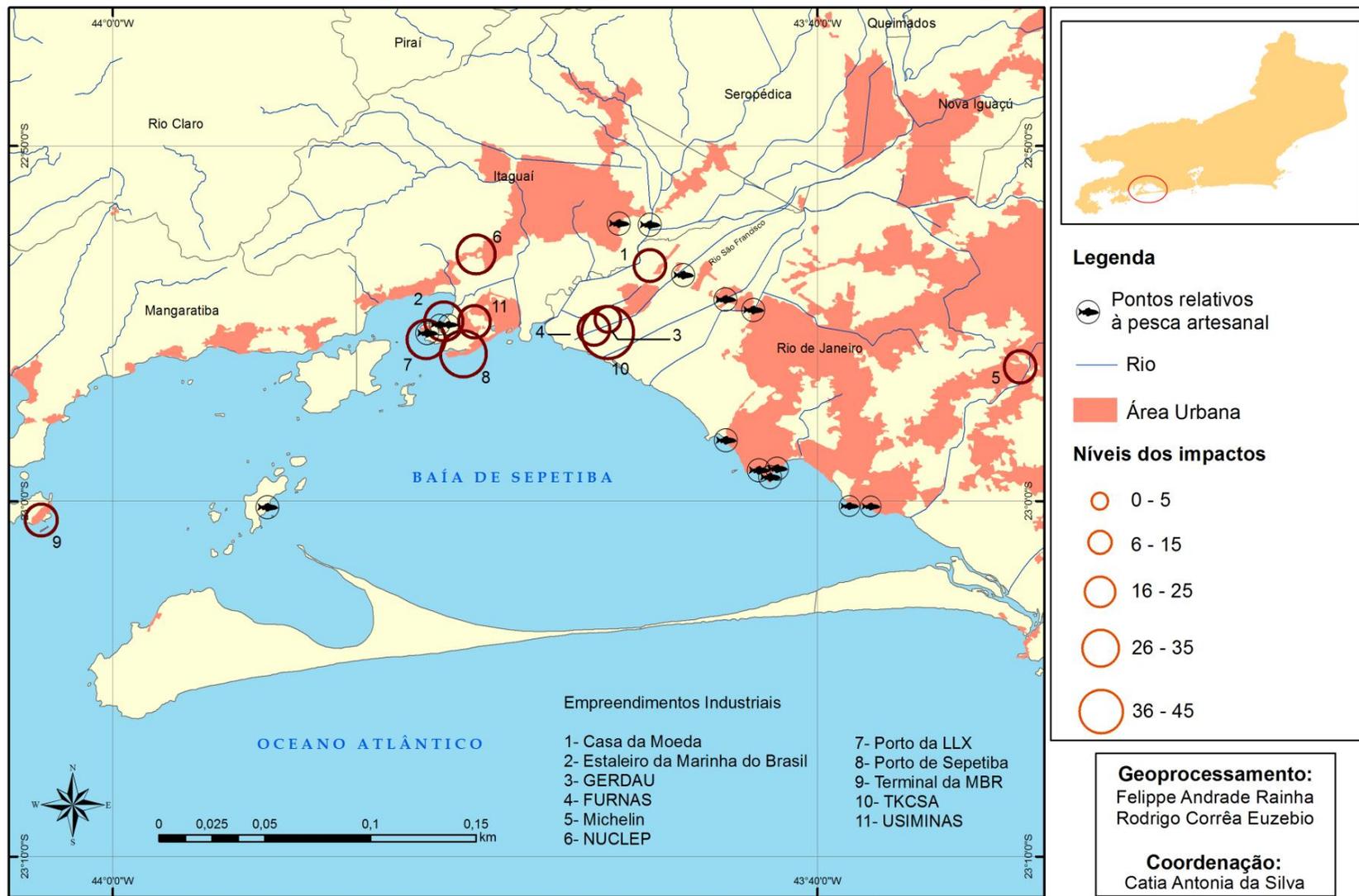


Fotografia Panorâmica da Ilha da Madeira – Itaguaí. Rio de Janeiro. RJ. Fonte: NUTEMC-FFP-UEJR, 2017



Barco de pesca nas águas da baía de Sepetiba - Ilha da Madeira – Itaguaí. Rio de Janeiro. RJ. Fonte: NUTEMC-FFP-UEJR, 2017

Impactos da modernização nas áreas da pesca artesanal na Baía de Sepetiba - 2012/2013





Pesca de camarão com caíco – baía de Sepetiba. Fonte: NUTEMC/FFP/UERJ, 2018.



Baia de Sepetiba. Curral de pesca, conhecido também como cercada. Técnica de captura antiga, de origem indígena.

Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ, 2018



Fotografia Panorâmica da
Ilha da Madeira – Itaguaí.
Rio de Janeiro. RJ. Fonte:
NUTEMC-FFP-UEJR, 2017

Pedra de Guaratiba Ponta grossa. Paisagem marcada por canoas, denominada de Caicos. Pesca de pequena. Fonte: NUTEMC,-FFP-UUERJ, 2016





Baía de Guanabara – Niterói – em frente ao bairro de Boa Viagem. Pescadores artesanais em meio aos navios petroleiros. Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ, 2017



Pescador artesanal fazendo reparo em sua embarcação – Comunidade Esso – Porto Velho – São Gonçalo. Fonte: Grupo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas -2011

As localidades de pesca do Porto Velho e do Gradim são caracterizadas por abarcarem em seu cotidiano o trabalho comunitário, bem como suas práticas de lazer. Seguindo esse raciocínio, foi possível evidenciar algumas peculiaridades nesses dois lugares do município de São Gonçalo.

O bairro do Porto Velho carrega em seu território a marca de ser uma importante área de beneficiamento de pescado no município de São Gonçalo, comportando a Indústria de Conservas de Peixe Coqueiro desde 1937 e que, em 1973, foi adquirida pelo Grupo Quacker. Dessa forma, a localidade pesqueira no respectivo bairro se apresenta como bastante tradicional no município e, hoje em dia, é atracadouro de dezenas de barcos ligados a pesca artesanal.

O primeiro pescador artesanal entrevistado nesta localidade tem 61 anos de idade (2011) e cursou até a 3ª série do trabalhador polivalente da pesca artesanal, pois além de desempenhar suas funções como pescador ele também realiza trabalhos como marceneiro e mecânico de embarcações pesqueiras. Entretanto, alega que aprendeu a pescar sozinho, Ensino Fundamental (atual 4º ano). Ele se apresenta como um apenas olhando os mais velhos nos seus afazeres na praia. Sua renda, com a atividade pesqueira artesanal, chega em média a R\$ 1.500,00 por mês.



Pedra de Guaratiba – período de maré seca. Pescadores aguardam a maré “encher” para saírem para a pescaria. FONTE: NUTEMC-FFP-2016.



Pesca de camarão em
caíco. Baía de Sepetiba .
Rio de Janeiro. RJ. Fonte:
NUTEMC-FFP-UEJR, 2017



Pesca e Manifestação Cultural

Procissão de São Pedro. Junho de 2014. Bairro Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro.



Amanhecer – Baía de Sepetiba. Navegação de caico a motor. Fonte: NUTEMC/FFP/UERJ, 2017.

II – Pesca artesanal na Região da Costa Verde



NUTEM/FFP/UERJ, 2016.

Canoas Caiçaras, centro. Paraty RJ. Fonte:

Porto dos barcos pesqueiros – Bairro Ilha das Cobras – Paraty (RJ). 2016. Fonte: NUTEM/FFP/UERJ



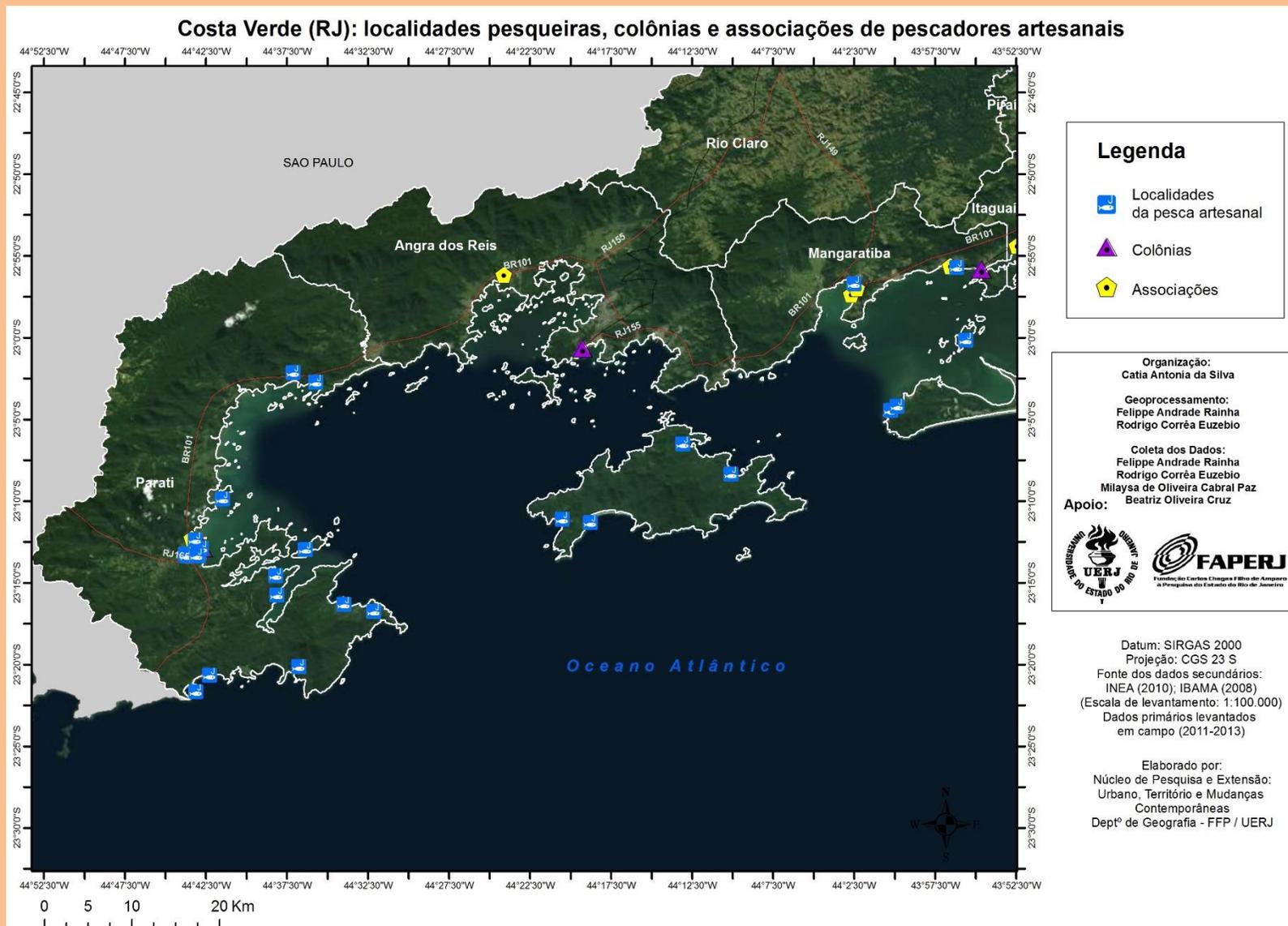


Ilha de Marambaia.
Mangaratiba – RJ
Canoas caiçaras e caícos.

Ilha de Marambaia.
Mangaratiba – RJ
Arte de pesca – redes
Comunidades de pescadores,
caiçaras e quilombolas.

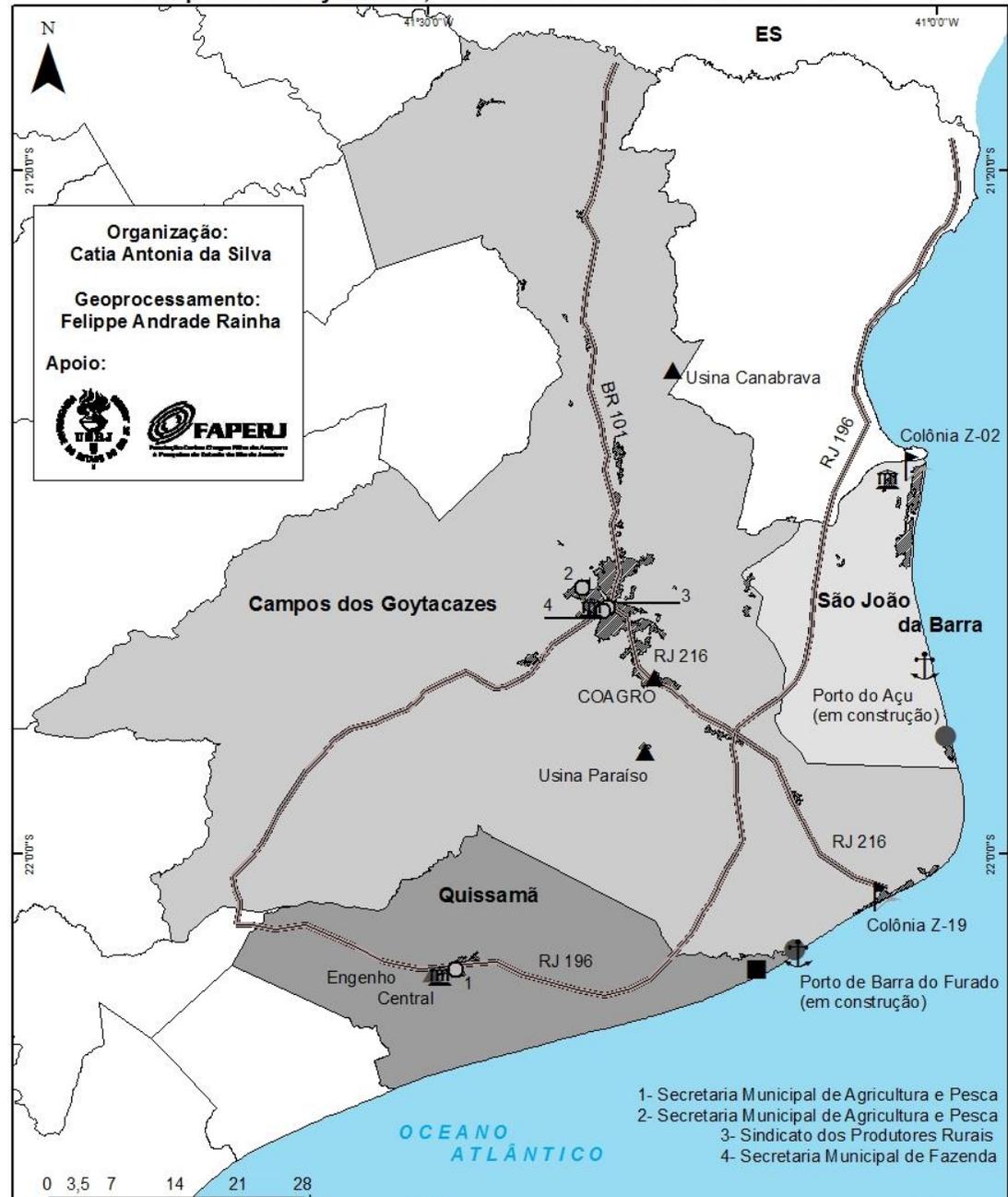


III. Costa Verde - Sul fluminense

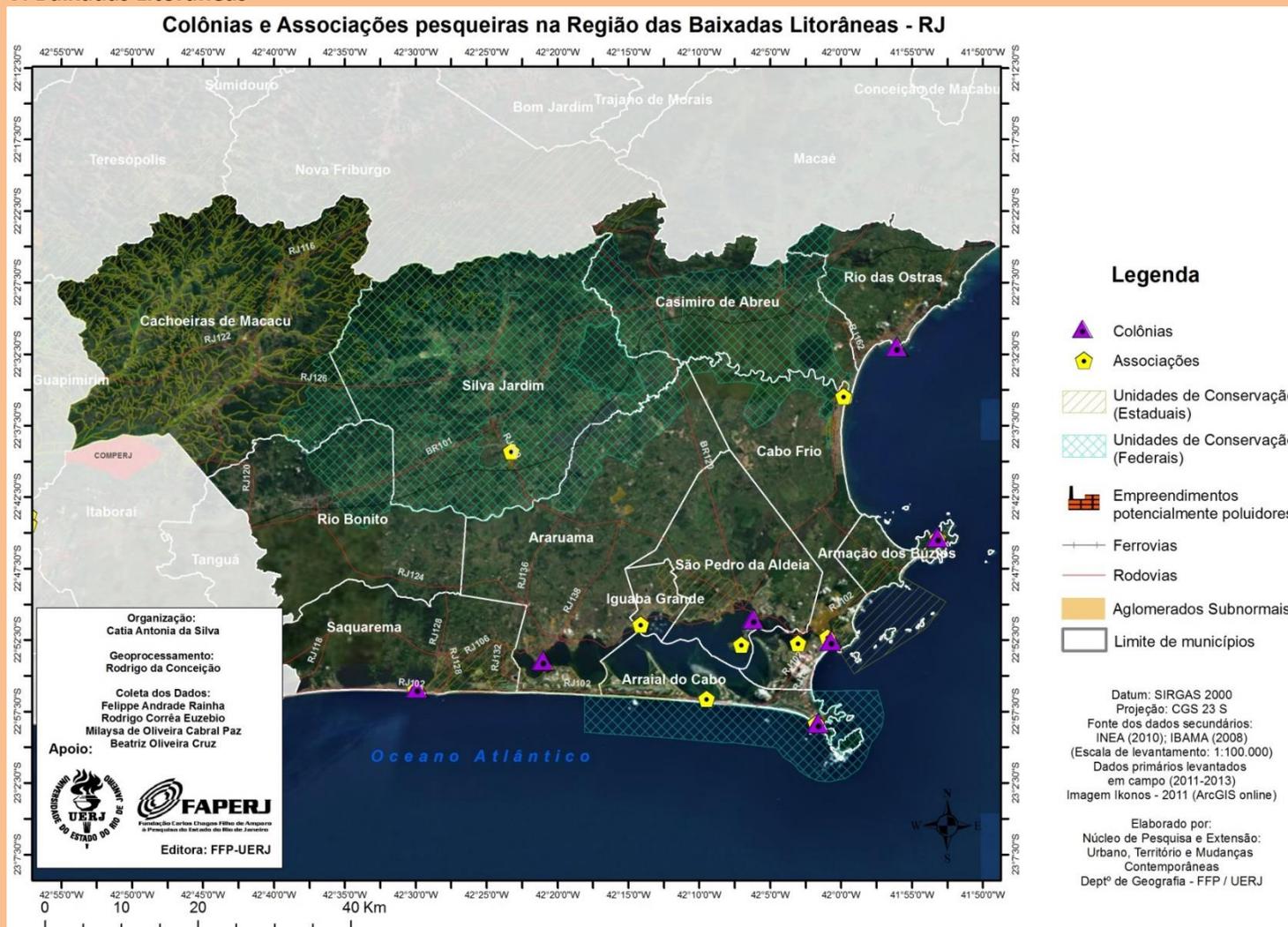


IV. Norte Fluminense

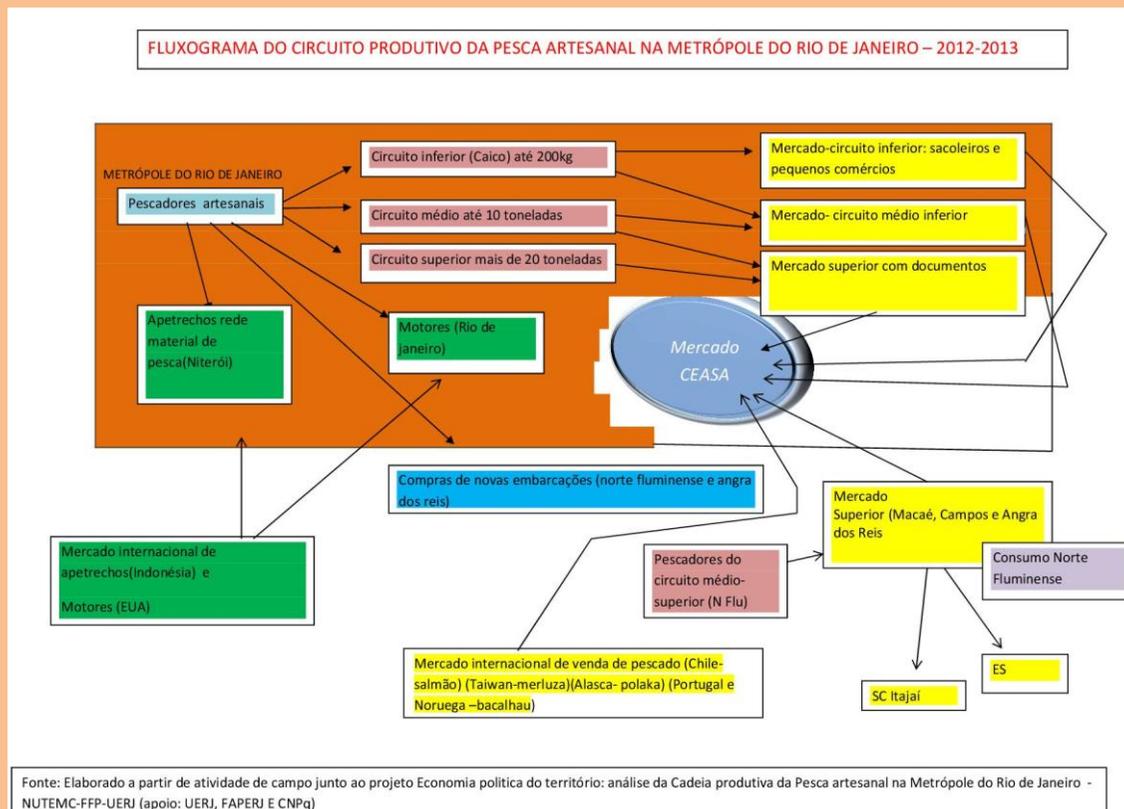
Eixos rodoviários modernizadores: Campos dos Goytacazes, Quissamã e São João da Barra - 2013



V. Baixadas Litorâneas



VII. OS MERCADOS DE PEIXES



Trajetos dos pescadores e a esfera da circulação do pescado

Compreender os trajetos dos pescadores é um trabalho recente que vimos desenvolvendo ao longo dos trabalhos de campo, quer seja nas entrevistas, quer seja com as atividades dos grupos focais. Nos trajetos do pescador duas grandes fronteiras sociais precisam ser ultrapassadas no seu cotidiano: a sua relação com os comerciantes. Existe multiplicidade de mercados de pescado no circuito da pesca artesanal na área metropolitana do Rio de Janeiro. Desse modo, propomos uma tipologia pedagógica que permita ao leitor compreender a totalidade do mercado. A necessária tipologia – um ensaio de organização das ideias e de produção de uma pedagogia da complexidade. Assim demarcamos o mercado em mercado varejista, com divisões internas e o mercado atacadista, também com divisões internas:

Mercado varejista

Mercado varejista é concebido como o local de venda para o consumidor final.

Mercado popular – caracteriza-se pela presença dos comerciantes de baixo poder aquisitivo. São “os bolseiros” conforme apontam os pescadores, estes comercializam em charretes, bicicletas, carrinhos a mão e em alguns casos em seus próprios automóveis, em geral, muito antigo e surrado pela atividade. Todos estes “bolseiros” e não tem ponto fixo, podemos caracterizar de “ambulantes” do comércio de pescado e fazem parte do circuito inferior da economia da pesca.

Peixarias pequenas – consistem em pequenos comerciantes que comercializam pouca quantidade, presentes em geral nas comunidades mais carentes, nos bairros populares. Em geral o estabelecimento fica no terreno da casa do peixeiro e o peixe é acondicionado em isopor e gelo, com pouca tecnologia.

Peixarias das feiras populares – neste caso o peixeiro busca o produto que é comercializado em tabuleiros nas barracas das feiras. Também consideramos, assim como as pequenas peixarias de fazerem parte do circuito inferior da economia da pesca.

Medias peixarias – estas já têm estrutura tecnológica, como pequenos frigoríficos, balcão apropriado, com divisórias e refrigeração para venda de peixes. Este mercado, em geral, pode comprar direto do pescador e do compra do atravessador ou nos grandes mercados atacadistas. Fazem parte do circuito superior intermediário.

Mercados atacadistas

Podemos considerá-los como a venda grandes quantidades de mercadorias ao consumidor *intermedia*, o que difere dos consumidor final, por não consumir a mercadoria, como valor de uso, mas por tê-la como valor de troca, na busca de auferir capitais ou renda. Neste caso destacam-se:

Pequeno mercado atacadista – são definidos pelos pontos, próximo as áreas de embarque – nos rios e nas praias - em que os caminhões de pequenos porte dos comerciantes aguardam, nos dias e horários pré-definidos, os pescadores – é o caso do canal de Magé, Itaoca, Praia da Luz em São Gonçalo. Podemos considerá-los como pertencentes ao circuito inferior, cujo lucro é gerador de renda.

Médio mercado atacadista é o caso do mercado de Gradim em São Gonçalo, com pouca tecnologia apesar de ter duas fabricas de gelo, são centenas de pescadores que diariamente, levando em média de até 100 quilos por pescador. Neste caso é difícil dizer que se trata de circuito produtivo superior ou circuito inferior. Com certeza os pescadores na esfera da produção estão no âmbito do circuito produtivo inferior, mas os comerciantes podem ou não estarem no circuito superior. A maior dificuldade está no grande número de pescadores e no número não muito grande de vendedores, uns com caminhos frigoríficos, outros dependem do gelo para armazenar o produto em pequenos caminhos. A dificuldade relaciona-se ainda pela grande circulação de mercadorias que ocorrem diariamente quando não se tem a divulgação da quantidade do pescado, que lá circulam.

Grande mercado atacadista – observamos dois casos. A CEASA que recebem os pescados em geral dos comerciantes que atuam diretamente com o pescador. É pequena presença do pescador na CEASA, porque precisa possuir veículo para o transporte e tabuleiros e realizam pagamento de trabalhadores assalariados (carregadores e motoristas), o que acaba sendo uma estrutura complexa e de responsabilidade dos comerciantes. Em geral, a quantidade média é de acordo com a capacidade do caminhão do comerciante, o que pode chegar a até 10 toneladas. O segundo caso de grande mercado, ligado à pesca artesanal é o caso do mercado de Macaé. São dezenas de caminhões com capacidade em média de até 15 toneladas recebem das centenas de embarcações de porte média – de até 10 toneladas. Muitos desses atravessadores (comerciantes - pessoa física; e comerciantes - pessoa jurídica) comercializam no CEASA, em grandes mercados de Santa Catarina e do Espírito Santo. A grande reclamação dos governos municipais e estaduais é que os mesmos não pagam impostos no lugar da retirada do pescado, mas na chegada – na segunda fase, beneficiando, assim, somente os municípios receptores.

A relação custo-benefício para o pescador é pequena, os comerciantes ganham aumentando o valor do produto final, afirmam os pescadores.

A estrutura do mercado atacadista: Divisão interna do trabalho.

De modo geral, os grandes mercados funcionam a noite ou de madrugada para receber o pescado que, por ser perecível e, se houver dificuldade de beneficiamento – com o gelo, por exemplo, rapidamente perde valor. Nestes mercados, em geral o pescador está envolvido numa trama de três grandes personagens que fazem parte desse mercado: 1. Pregoeiro – figura mercantil subordinado ao dono da banca ou Box (local onde é comercializado o pescado). O pregoeiro vende a mercadoria do pescador ou do comerciante (que denominamos de intermedia de primeira fase), com o consentimento do mesmo, para ser vendido aos comerciantes-intermedia de segunda fase, no formato leilão. O pregoeiro faz o papel de leiloeiro e junto com o dono da banca recebem 10% da venda – insere-se ainda nestes 10%, o pagamento do trabalhador carregador dos pescados dentro do mercado. A segunda figura mercantil é o comerciante comprador que estamos chamando de comerciante-intermedia de segunda fase - em geral possuem com grandes estruturas de frigorífico, de transportes e armazenamento e têm funcionários especializados e assalariados que levam para os diferentes tipos de mercados varejistas (feiras, restaurantes, estabelecimentos pesqueiros --médias e grandes peixarias - e supermercados) .



Entrepasto de Peixes em Macaé (2013)

Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ, 2017.



MERCADO ATACADISTA DE PEIXES, MACAÉ. Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ, 2015.

MERCADO POPULAR DE PEIXE – VAREJISTA – PRAIA DE ITAIPU – NITEROI. FONTE: NUTEMC-FFP-UERJ2014



ENTREPOSTO DE PEIXES - ILHA DA
CONCEIÇÃO – RIO DE JANEIRO

Fonte: NUTEMC, FFP, 2013.





Comercialização de pescado na praia de Itaipu (Niterói). Fonte: registro de campo; NUTEMC, 2013.

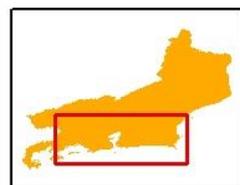


Figura 1 - Lugar de beneficiamento do pescado produzido pela pesca artesanal na área de embarque/desembarque da praia de Itaipuaçu. Fonte: registro de campo; NUTEMC, 2013.

CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ARTESANAL/RJ: Fornecimento de pescado para o comércio pesqueiro da Pedra de Guaratiba, por municípios - 2013



Fonte: Núcleo de Pesquisa e Extensão Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas - NUTENC/FFP/UERJ



Legenda

- Comércio de pescado na Pedra de Guaratiba
- Municípios fornecedores de pescado
- Estado do Rio de Janeiro

Fornecedores do pescado:

- 1 - Pescadores da Pedra de Guaratiba
- 2 - Atravessadores da Pedra de Guaratiba
- 3 - CEASA
- 4 - Mercado São Pedro
- 5 - Atravessadores de Jurujuba
- 6 - Atravessadores de Mangaratiba
- 7 - Atravessadores de Cabo Frio

Geoprocessamento:

Rodrigo Corrêa Euzebio

Coleta de dados:

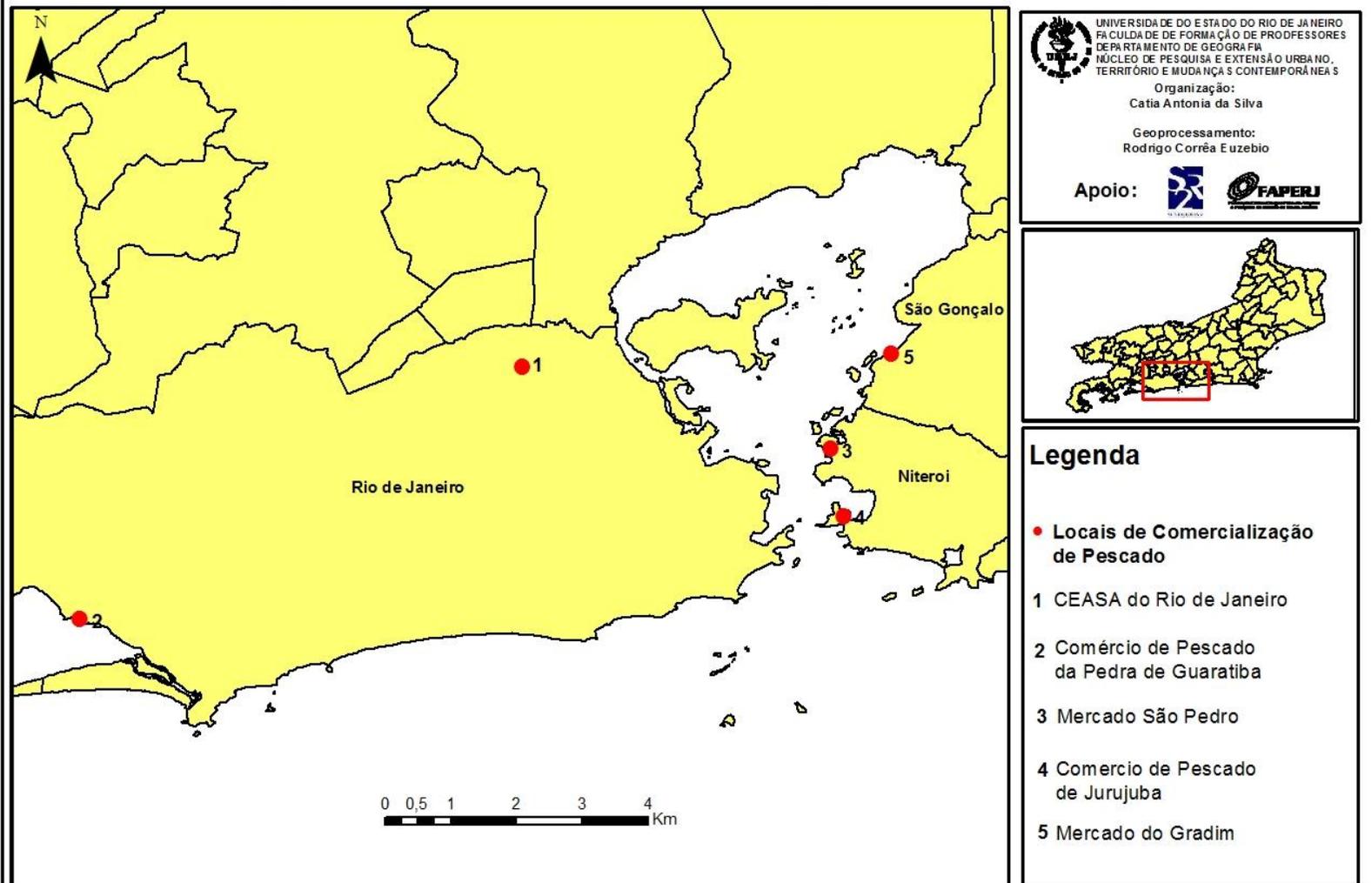
Rodrigo Corrêa Euzebio
Milaysa de Oliveira Cabral Paz
Beatriz Oliveira Cruz

Coordenação:

Catia Antônia da Silva

No ponto 1, se localiza a CEASA do município do Rio de Janeiro. Observamos que a CEASA atua em dois sentidos: seja no abastecimento dos mercados locais, através de produtos pesqueiros recebidos de outras regiões do Brasil (região sul, principalmente) e de outros países (Chile, Uruguai e Argentina); seja no escoamento da produção pesqueira (artesanal e industrial) do estado do Rio de Janeiro para outras regiões e países. No ponto 2 está localizada a área comercial de produtos pesqueiros (principalmente artesanal) da Pedra de Guaratiba, zona oeste do município do Rio de Janeiro. Foi possível verificar que todos os estabelecimentos vendem pescados produzidos por pescadores artesanais da baía de Sepetiba, porém os comerciantes não adquirem os produtos diretamente dos pescadores, mas de atravessadores. A principal justificativa apresentada pelos entrevistados se refere ao fato de que os pescadores não dispõem de meios para levar os produtos até os comerciantes, assim como os comerciantes também não dispõem de meios para deslocar os pescados da praia até seus estabelecimentos, embora sejam muito próximos. Nos pontos 3, 4 e 5 estão localizadas as áreas comerciais do leste metropolitano fluminense, porção oriental da baía de Guanabara. Destacasse o Mercado São Pedro (ponto 3) no município de Niterói, onde são comercializados pescados produzidos (pesca artesanal e industrial) em todo o litoral do estado do Rio de Janeiro e em outros estados do Brasil (sobretudo Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Os principais clientes deste mercado são donos de bares e restaurantes, além de consumidores comuns, em ambos os casos, vindos de Niterói e municípios vizinhos (principalmente São Gonçalo).

Região Metropolitana RJ: Comercialização de Pescado - 2013



Fonte: Núcleo de Pesquisa e Extensão Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas - 2013



ENTREPOSTO DE PESCA – GRADIM – SÃO GONÇALO (RJ) 2010. Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ, 2007



Área desembarque (pesca artesanal) cais de Portugal Pequeno. Fonte: NUTEMC 2015. dissertação LUIS DE SOUZA JUNIOR, 2015.



Vendedores e compradores alinhados CEASA RJ. Fonte:, 2010. SOUZA JUNIOR, 2015



Carregador trabalhando no mercado de São Pedro – parte atacadista –colônia Z8. Fonte: NUTEMC, 2015 E SOUZA JUNIOR, 2015.

O mercado de São Pedro foi fundado no dia 29 de junho 1971 no bairro Ponta d´Areia no município de Niterói. Originalmente a venda do pescado era realizada nas proximidades da Praia Grande no centro da cidade, onde atualmente se localiza o terminal rodoviário João Goulart e o caminho Nyemeier. Atualmente o referido mercado possui 38 boxes de venda do pescado mais 1 box de verduras e possui um alcance que extrapola os limites da metrópole, tendo em vista

que o pescado vendido chega de muitos outros lugares, inclusive de fora do país, como o caso do Salmão que vem diretamente do Chile. Dentre os consumidores estão chefes da mais refinada gastronomia de restaurantes e bares diversos da metrópole.

Chegamos ao mercado por volta das 7 horas e 40 minutos e ainda estava vazio. Logo nos primeiros boxes, nossas expectativas quanto à produção do pescado proveniente da pesca artesanal da baía de Guanabara diminuíram drasticamente. Atum, Salmão, Cherne, Linguado, namorado, camarão VG, Povo, Lula, lagostas foram os primeiros peixes e frutos do mar encontrados nas prateleiras. Conforme adentrávamos no mercado, mais peixes e frutos do mar oriundo da pesca industrial e da aquicultura encontrávamos. Muitos comerciantes tratavam de demonstrar o local de origem do pescado abaixo da tabela do preço, como sinônimos de distinção. “Marisco congelado de Santa Catarina”, “Dourado de Angra dos Reis”, “Panga do sudeste asiático” são alguns exemplos de pescados em que os comerciantes explicitavam o a origem. Quando não estava exposto na tabela de preços comerciante tratava de explicar.

No que concerne ao fornecimento do pescado encontramos as seguintes respostas:

- **Compra do pescado através do leilão:** comerciantes compram o pescado oriundo da pesca industrial, artesanal e da aquicultura mediante ao leilão;
- **Compra direta com o pescador:** Os comerciantes compram diretamente na embarcação, eliminando o intermediário;
- **Compra com o atravessador:** O pescado é trazido pelo intermediário e vendido para o comerciante;
- **Empresa atacadista:** a empresa atacadista possui o box de venda do seu pescado no mercado.



Dentre as formas de beneficiamento do pesca encontramos:

- Peixe inteiro lavado;
- Enviscerado, descabeçado e sem escamas;
- Enviscerado descabeçado, sem nadadeira e sem escamas;
- Cortado em postas após descabeçamento e evisceração;
- Filé com espinhas;
- Filé sem espinhas e com/ sem pele;

Por se tratar de um produto perecível é notória a presença do gelo para o armazenamento do pescado e dos frutos do mar. Muitos caminhões de gelo aguardavam no estacionamento da colônia Z8 que fica em frente ao mercado. Conforme o tempo passava, mas a presença do gelo ficava imprescindível. A todo o momento os comerciantes jogavam gelo e espalhavam pelas prateleiras, entre o pescado.

Tabela 1: Mercado de São Pedro: tipos de técnica empregada (esboço)

Técnica empregada	Tipo de pescado	Frutos do mar
Captura	Sardinha, Dourado, Atum, Olho de Cão, Cação, Pescadinha, Garoupa, Cherne, Manjubinha, Corvina, Corvinota, Trilha, espada;	Lula, Povo, siri e Camarão, Cavaca e Lagostinha.
Criação	Salmão e Panga.	Siri, Camarão e Marisco.

Fonte: Luis de Souza Junior (2015)

Tabela 2: Mercado de São Pedro: principais pontos de pesca ou criatórios (esboço)

Lugares	Tipos de Peixe	Frutos do mar (crustáceos e moluscos)
Angra dos reis	Dourado, sardinha e camarão	
Cabo Frio	Dourado, espada, pescada e garoupa.	
Chile	Salmão	
Espirito santo		Lagosta
Jurujuba		Marisco
Santa Catarina		Marisco
Saquarema		Marisco
Sudeste asiático	Panga	
Oceano Atlântico – costa brasileira Sudeste	Camarão VG, Olho de cão, Corvina, Atum, Garoupa	

Considerações finais

O trabalho de mapear e experimentar as formas de trabalho, vínculos sociais, sociabilidades, espacialidades e historicidades dos pescadores e pescadoras artesanais são de fato um trabalho muito complexo e uma pesquisa em movimento. Este atlas é um dos trabalhos mais completo sobre a localidade de pesca artesanal no Estado do Rio de Janeiro. Contamos com isso em contribuir para a visibilidade dessa atividade tão importante e diversificada. Importante porque garante a sustentabilidade alimentar, contribui na manutenção da cultura e por isso, dos laços sociais e garante-se como posto de trabalho.

Referencias Bibliografias

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis, Editora Vozes, 2009.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. *La terre, géographie physique et économique*. Paris: Delagrave, 1883, 304 p.
- LEFEBVRE, Henri. *Direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1980
- MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RIBEIRO, Ana Clara. Movimentos, sujeitos e política: elementos para a prática pedagógica. *Cadernos do IPPUR – UFRJ*. Ano VI, n. 1, p. 89-103, dez, 1992.
- RIBEIRO, Ana Clara T. CAMPOS, Andreilino, SILVA, Catia A. *Cartografia da ação e movimentos da sociedade: desafios das experiências urbanas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Micro-conjuntura: uma proposta de análise da aceleração da vida urbana. *Revista de Ciências Sociais*, n. 19, p. 94-103, 2001
- RIBEIRO, Ana Clara T. A natureza do poder: técnica e ação social. *Interface: comunicação, saúde, educação*. UNESP Botucatu, n. 7, p. 13-14, agost. 2000.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, Fabiana, Jacques, Paola B. (orgs.). *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador. EDUBA, 2010, p. 24-41.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana. *Cadernos do CRH (UFBA)*, v. 18, n. 45, p. 411-422, set-dez. 2005b.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 24,, p. 82-86, jan/abril 2000b.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Territórios da sociedade: por uma cartografia da ação. In SILVA, Catia. A. da (org.). *Território e Ação social: sentidos da apropriação urbana*. Rio de Janeiro: FAPERJ & LAMPARINA, 2011, p19-34.
- RIBEIRO, Ana Clara T. *Transcrição de conferência proferida durante o concurso de Professor Titular no IPPUR-UFRJ*, Rio de Janeiro: LASTRO, 2012, (Prelo).
- RIBEIRO, Ana Clara T; BARRETO, Amélia Rosa Sá ; LOURENÇO, A. ; COSTA, Laura Maul de Carvalho ; AMARAL, Luís César Peruci do. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. *Cadernos IPPUR/UFRJ*, v. 15,16, p. 33-52, agost. 2001b.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996
- SANTOS, Milton. *Espaço & Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*: Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. *O papel ativo da geografia: Um manifesto*. Florianópolis: XII ENG, julho de 2000.

SILVA, Catia Antonia da. *Qualificação profissional na construção do Brasil urbano moderno: secularização e sociedade, modernização e espaço*.

Orientadora: Júlia Adão Bernardes, Coorientadora: Ana Clara Torres Ribeiro. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. Tese (Doutorado).